



A
*eternidade
das águas*

RITA QUEIROZ

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

AGUADAS

As águas que me habitam
Cortam meus oceanos
Invadem meus labirintos
Transformam meu barro.
As águas que me movem,
Provocam redemoinhos nas minhas luas,
Corredeiras em meus céus,
Dilúvios nos meus olhos.
As águas que tecem minhas alvoradas
São doces,
São salgadas,
São plenas dos fios de Penélope.
As águas que me deságuam
São metáforas de saudades,
Anseios de palavras,
Âncoras de exílio.
As águas que nos unem,
Seguem trilhas nuas,
Vertigens de pés trôpegos,
Angústias deixadas na foz.

As águas que nos abençoam
Os riscos, as sinas, as feridas,
Brotam dos precipícios
E perfumam o voo dos colibris e gaivotas.


DAS ÁGUAS ENQUANTO MEMÓRIA CRIATIVA

“As águas lavam o destino.”


(*Entre luas e mares*, Rita Queiroz.)

Júlio Cortázar, escritor argentino, volta-se ao caráter enigmático do conto para compreendê-lo como gênero literário dos mais abstratos, nunca fechado em si (embora entranhado), tanto que radicalmente oposto, em termos de significação, à economia da forma, promotor de uma estranha pactuação com a realidade exógena na medida em que a torna, por mais fortuita ou banal que seja, em um acontecimento soberbo, singular, e mesmo avassalador, em último nível. Ao conto, classifica-o, portanto, como “*caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário*”.


À contundente imagem espiralada, sensivelmente espectral, proposta por Cortázar, se poderia acrescentar a capacidade reguladora de quem escreve o conto ante o desafio de afinar a medida exata da emoção, do intuito, da sensação que a palavra contém, e do mundo que elas, as palavras, podem operar quando juntas, sem que



o ato narrativo se reduza à contenção fria dos esquemas. Senão, vejamos os contos de Conceição Evaristo, Jarid Arraes, Antonio Carlos Viana, Glaucia Lemos, Aleilton Fonseca, Landê Onawale e Franklin Carvalho, só para citar alguns exemplos nos quais a habilidade técnica de escrita somada à consciência do enigma desafiador sobre o qual o gênero está assentado produz resultados muito bem acabados. Também este é o caso de Rita Queiroz, poeta já conhecida por seu vigor lírico, mas que, então, autora do presente título em prosa, decide por se lançar ao desafio da linguagem contística, menos como quem garimpa o tesouro do seu mistério, e mais como quem, numa entrega ritualística, mergulha na fonte e na foz misteriosas a própria subjetividade liquefeita.



Os dez contos que perfazem este livro, não obstante a singularidade de cada uma das histórias, estabelecem, entre si, uma espécie de organicidade ou de unidade estruturante, como se um mesmo fio as alinhavasse desde a primeira à última narrativa, seguindo contínuo até que as duas pontas extremadas deste fio primordial se unam em nó sutil, composto de saudade e memórias, de dor e recomeço, de desejo e pequenas alegrias, nó inteiramente solúvel. Os contos são análogos, com efeito, na recriação dos mitos que habitam o imprevisível corpo das águas e nos cenários sinestésicos formados a partir desta inflexão, a que se pode chamar ancestral: orixás e



encantados banham-se na profícua magia dos mares e dos rios, enfeitiçam as personagens (as internas tanto quanto as externas a quem o livro alcança), ora a emular um canto de peixe-mulher no raso das marés contemplativas ora a retornar das águas mais abissais onde o amor impossível descansa, no enfim de tanta tormenta. Não há categorizar as águas, doces ou salgadas ou amnióticas ou brotadas dos olhos das mulheres ou coração das intempéries, fazem com que convirjam vida e morte indistintamente, no que se tornam o grande paradigma do Tempo, tão fluido quanto aquelas, conforme aludem os versos do poema “Aguada”, que serve de epígrafe à obra e aos quais transcrevemos a seguir: “*As águas que me movem/ Provocam redemoinhos nas minhas luas,/ Corredoiras em meus céus, /Dilúvios nos meus olhos.*”

A recorrência de certos temas e, sobretudo, o modo como são conduzidos nos contos permite agrupá-los em conjuntos distintos. Nesse sentido, temos **i. Sob o signo de Raquel**, as histórias que se conjugam nos partos de natimortos ou na morte das parturientes; a bela Raquel, do Gênesis bíblico, como sabemos, mostra-se infértil nos primeiros anos de matrimônio com Jacó, o que nos parece o preço a ser pago por sua subversão. Engravidada, no entanto, depois de muito implorar tal dádiva ao Deus de Abraão, mas eis que falece durante o parto do segundo filho, Benjamim, ironicamente o filho

da felicidade. Embora se possa considerar o signo de Raquel como marcante referência intertextual, é preciso observar os novos contornos que as presentes histórias imprimem à lenda, considerando-se a maneira com que se configuram – de forma tal, a determinar o próprio enredo – a presença arquetípica e o movimento espiritual das deidades femininas que reinam nas religiões afro-brasileiras, sendo que Yemanjá e Oxum, e também Nanã – esta, porém, em uma outra dimensão – constituem substrato para uma cosmogonia produzida a partir do ânimo das águas, símbolo maior deste livro. Ou seja, não se pode prescindir do caráter místico da obra, nem do seu aspecto cultural e discursivo, posto que juntos elevam a linguagem à instância fictícia, da qual nos falou o intelectual alemão Wolfgang Iser. Narrado em primeira pessoa, o conto “*A eternidade das águas*”, que dá título ao livro, pode afigurar nesta seção, pois encena-se num desdobrar de lutos vividos ativamente pela protagonista – sendo o primeiro na infância e o segundo na vida adulta –, cuja existência é continuamente atravessada pela presença ambígua e decisiva das múltiplas águas. Nesta categoria, podemos incluir, ainda, os contos “*Breve silêncio*”, em que uma Raquel marinha e sequiosa de parir (também ela) a “alegria”, revive aquela outra, a homônima filha de Labão, e “*Jogo de Ifá*”, no qual Marília, mesmo marcada pela dor antinatural

rcrqueiroz@uol.com.br
Facebook: */rita queiroz*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em maio de 2021.
